

DEL PRIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011, 254p.

Breno Rodrigo Alencar

Compreender a forma com que se constroem e se manifestam nossas práticas amorosas e afetivas contribui significativamente para deslindarmos o comportamento da sociedade em que vivemos. Tal possibilidade é-nos oferecida por este que promete ser um clássico da historiografia brasileira. Com prefácio de Moacyr Scliar, o livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, de Mary del Priore, combina sua larga experiência como historiadora a uma exitosa narrativa entorno do debate sobre a intimidade nacional, demonstrando ainda haver um imenso e fértil espaço para pesquisas sobre sexualidade no Brasil. Todavia, se o seu texto seduz pelo ineditismo das fontes, não deixa de conter dados de seus trabalhos mais relevantes como *Condessa de Barral*, *História do Amor no Brasil*, *História das mulheres no Brasil*, *Festas e utopias no Brasil colonial*, *História da Criança no Brasil*, entre outros.

Preocupada com os detalhes da vida íntima, a autora percorre o labirinto de nossos costumes para sugerir que o fato de possuímos uma personalidade narcista e confessional é tributária de uma cultura que, embora tenha nos levado a relações individualistas cada vez mais “virtuais” por meio da internet e redes sociais, ainda convive com uma mentalidade machista, tradicional e provinciana.

No capítulo 1, “Da Colônia ao Império”, a autora vasculha registros judiciais e poemas barrocos para ilustrar as condições materiais em que nossos ancestrais desenvolviam seus hábitos mais íntimos. Para Del Priore a sexualidade e o imaginário em torno do sexo foram construindo-se, por meio da miscigenação, na precariedade e total falta de higiene. Coube a Igreja Católica o papel de catequizar a população “ensinando-lhe” o uso adequado de seus corpos. Por essa razão, as carícias que faziam parte dos preparativos para o encontro sexual e até mesmo os elogios esbarravam nos limites do sagrado e do profano. Tal controle era exercido também na divisão dos papéis sexuais. Cada qual tinha um papel a desempenhar no casamento. Às mulheres era proibido o prazer e o conhecimento de si. Suas vaginas atendiam o propósito divino de reproduzirem. Aos homens era permitido (e até indicado) tratar suas mulheres como

máquinas de fazer filhos, submetendo-as a relações sexuais mecânicas e despidas de expressão de afeto.

No capítulo seguinte, “Um século hipócrita”, a autora investiga as origens do que ela considera ser o período de desejos contidos e frustrados. Mary del Priore se reporta, assim, ao Rio de Janeiro do século XIX, capital da colônia desde 1863, mas que fora transformada em refúgio do Império português com a chegada da corte de Dom João VI em 1808. Para a autora este evento marca a primeira grande transição social vivida no Brasil, que além de se manifestar no âmbito político e econômico também pode ser observado no que diz respeito aos valores individuais e a intimidade do brasileiro.

O século XX foi, assim, o século do adultério, dos amantes, da prostituição e da sífilis, cujos nobres e aristocratas pouco se intimidavam com a publicidade de suas práticas sexuais, ainda que a igreja católica, a família e o casamento fossem considerados o pilar moral daquela época e continuassem exercendo vigilância sobre o comportamento individual. Nesse contexto, o imaginário construído sob a figura de Dom Pedro I é responsável por redefinir as fronteiras das relações sexuais no Brasil oitocentista. Com um itinerário amoroso invejável para a época ele se tornou uma referência de potência sexual do nascente homem brasileiro, de tal modo que deu origem a figura das “teúdas” e “manteúdas”: mulheres tão vistosamente descritas nas obras de Jorge Amado que, por meio da associação sexual com membros da elite, alcançavam status social e econômico que de outra forma não existiria.

Em meio a esse contexto despontou no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, o movimento higienista patrocinado pelas recentes ideologias civilizatórias vindas da Europa, mas que no seu arcabouço atendia aos interesses da nascente classe burguesa no país, voltada que estava para o processo de urbanização e racionalização do trabalho. Seguiu-se então uma série de medidas que visavam evitar o que a autora chama de “degenerescência da prole” e garantir que o contato íntimo seguisse os mais rigorosos protocolos. Todavia, embora a população se refinasse, este período emprestava do anterior – o colonial – a dissimulação de uma classe emergente, a burguesia urbana, mais polida, mas não menos tradicional e machista.

Ainda sob vigilância da igreja e não podendo obter o luxo e o prazer num universo de convenções e repressões, os homens do período canalizavam sua devassidão

para o bordel. Surgiram daí prostitutas prósperas, que oriundas da Europa, onde haviam obtido contato com as Revoluções, sabiam, de ofício, o valor de troca dos seus corpos e como seduzir os maridos eufóricos com os ventos do capitalismo. Atraídas pelo dinheiro das exportações de café, essas personagens começaram a se popularizar nas ruas do Rio, e ao mesmo tempo preocupar as autoridades. Influenciaram, pois, os estudos sobre o comportamento sexual, dando origem às representações da ninfomaníaca e da histérica, assim como dos sintomas de distúrbios psiquiátricos provocados pela vontade de sentir – prazer é claro!

Para os médicos da época o “sentir” era sinônimo de histeria, logo, uma aberração que deveria ser combatida no hospício. Ironicamente foram esses mesmos estudos que tanto preocupavam os médicos que deram origem a um tipo de literatura que segundo a autora “se lia com apenas uma das mãos”, isto é, a pornográfica.

Mas não foram só as voluptuosidades femininas que preocupavam os cientistas da época. Os homossexuais estavam na mira dos estudos clínicos. Tratada como doença, a homossexualidade figurava como uma grande ameaça à ordem pública, e junto com a prostituição representava os signos de um mundo depravado, de mistura social, fenômeno intolerável para a elite pré-republicana que acusava estes personagens de favorecerem a proliferação de doenças como a sífilis.

Nas “Primeiras rachaduras no muro da repressão”, um capítulo que se reserva a descrever as mudanças políticas, sociais e culturais que chegaram ao país após a República, a autora dá ênfase ao aparecimento do corpo no cenário público.

Apesar das resistências, com a consolidação da política higienista, o corpo e a sexualidade haviam se “purificado” e começavam a ser exibidos, mesmo que timidamente, nos ginásios, nas caminhadas, nos *footings*. Ganhavam, assim, um papel primário e entravam em movimento. Eram também incentivados pelo lazer, que graças ao aparecimento dos teatros, festas públicas e bailes estimulava outros jeitos de exhibir suas formas. A *lingerie* foi, sem dúvida, um item muito importante neste cenário – e o sutiã era quem ditava o tom. Graças ao seu aparecimento o corpo passou a ser um objeto estético, fonte de desejo e contemplação. O pudor começava a recuar. No entanto, foi uma mudança que se ajustou as novas exigências do casamento: o discurso da “boa aparência”, que transformava o corpo feminino em objeto de um desejo fetichista. Tal fetichismo transformava o imaginário em consumo, em parte favorecido pelo

aparecimento do teatro de revista que, destinado a satisfazer um público enfeitado pelas formas, exibia mulheres com braços e seios de fora, as chamadas *girls*.

Diante do desenvolvimento tecnológico das impressões em larga escala o efeito desse desnudamento foi um consumo nunca antes vistos da pornografia (embora, por outro lado, também contribuísse para a divulgação do movimento naturista, que pregava dessexualizar o nu e impedir a erotização do corpo). No Brasil o principal adepto dessa tendência foi o jornal “Rio Nu”, que explorava a intimidade dos personagens públicos de maneira direta e sem artifícios estéticos. Repleto de piadas de duplo sentido, imagens de mulheres nuas, propagandas de remédios para doenças sexualmente transmissíveis e garantiu que os nossos avôs experimentassem as mesmas transformações vividas pelos europeus.

O capítulo 4, intitulado “Olhares indiscretos”, discute temas que incomodaram a sociedade no que a autora chama de “Anos Dourados”. O fantasma do aborto era um deles. Diante de uma classe média emergente, tal fenômeno, que preocupava as autoridades desde os fins do século XIX, havia aumentado significativamente, sobretudo por que as mulheres do período adquiriam, progressivamente, mais liberdade em determinar quando, como e se queriam engravidar. Ao mesmo tempo, as noções de maternidade e independência sexual/financeira eram simetricamente opostas e entravam em choque com as recentes transformações porque passavam as sociedades de capitalismo desenvolvido e com as quais o Brasil cada vez mais se espelhava, seja no que diz respeito ao mundo do trabalho ou as conquistas nas áreas da medicina e da biotecnologia.

Outro aspecto fundamental para entender este processo estava na popularização do carnaval. Tido como um verdadeiro bacanal, nele estava representado à transgressão dos costumes onde noivas esqueciam compromissos, mulheres casadas se atracavam com rapazes muitos anos mais novos e mocinhas de família choravam envergonhadas as apalpadinhas recebidas. À época o carnaval era uma revolução, pois contrariava os princípios elementares que regulavam a vida social. Nele a fidelidade era inerte, a virilidade dúbia, o bom senso uma fadiga. Não era de se assustar que os desejos femininos reprimidos explodissem nessa época através de fantasias de prostituta e comportamentos espontâneos, como o beijo roubado.

Quanto à pedofilia a autora é clara em demonstrar que o fenômeno sempre existiu e que o termo, um neologismo derivado da palavra pedófilo, era sinônimo de homossexualismo, logo uma doença, que até o fim do século XIX era um segredo que protegia os culpados, geralmente pais, professores e padres. No século XX o silêncio foi rompido. Surgiram as primeiras sanções e os escândalos tornaram-se públicos.

Ao abordar a questão da virilidade masculina, onde o homem do século XIX é associado às lutas físicas ou morais à autora demonstra que se forjara um novo ideal: “o homem educado, senhor de suas paixões, com hábitos burgueses [...]” (p. 155). Passou-se a valorizar a compleição das formas, sendo o musculoso e forte signo de beleza. A afirmação masculina antes definida pelo grotesco e rude dava lugar a resistência e competição. Por outro lado, os “almofadinhas”, vistos como o oposto do burguês bem-sucedido eram ferozmente perseguidos.

Na iminência dos anos 60 hábitos cotidianos se modificavam seguindo as últimas tendências da moda e do cinema. Por meio deste último a população se deliciava com olhares perdidos de “paixão” e uma verdadeira arte de sucção bucal, o beijo, que havia se tornado sinônimo do namoro. Manifestações na música e na literatura, como o Rock, a Jovem Guarda e o Existencialismo, também contribuíram para essas mudanças. Fumava-se, liam-se coisas proibidas, bebia-se cuba-libre e perdia-se a virgindade em nome de um objetivo: contestar o velho modelo repressivo.

Todavia, mesmo nos círculos mais modernos, algumas regras se conservavam e, apesar da sexualidade desabrochar, convivia-se ainda com a ideia de que apenas o namoro sério levaria ao casamento. Continuava-se a acreditar, pois, que ser mulher e esposa significava ser mãe e dona de casa, logo, dedicar-se a satisfazer o marido e filhos. Ao homem reservava-se o destino natural de provedor familiar, de personagem que tomava a iniciativa na relação, de quem sempre pagava a(s) conta(s), cuja força e o espírito de aventura justificavam a violência e a infidelidade. As figuras da Amélia e do Dom Juan representavam, assim, o papel dos sexos: enquanto uma se dedicava a conquistar pelo coração e prender pelo estômago, o outro numerava suas conquistas e os noticiava aos amigos. Se isso incomodasse a razão era do marido. Ameaçadas do desquite, as mulheres desse período eram sempre aconselhadas a se resignarem em nome da felicidade conjugal. Nada de ser exigente e dominadora.

Foi somente com o advento da revolução sexual nos anos 60 e 70 que as principais vigas da repressão começaram a ruir, provocando profundas “Transformações da intimidade”, título do capítulo 5, em que Mary Del Priore conclui sua obra destacando o amadurecimento social e a flexibilização da moral entre os brasileiros.

Com ênfase na democratização da beleza, da intolerância à doença, do direito ao prazer, da influência dos novos meios de comunicação – em especial a televisão –, discute-se neste capítulo as mudanças no cotidiano dos casais. Embora tendo sido educados por pais conservadores os jovens dessa geração tiveram a oportunidade de “escolher”, contrariando as arbitrariedades familiares e as conveniências das distinções entre as classes sociais. O surgimento de movimentos sociais como os punks, hippies e grupos de rocks, como Beatles e Rolling Stones, contribuíram fabricando novas maneiras de ser e pensar, e mesmo o Brasil experimentando a ditadura militar – um verdadeiro banho de água fria nas reivindicações daquela juventude – houve ecos desse movimento na vida privada, como atestam o direito ao divórcio e o uso de métodos contraceptivos.

Apesar da censura às manifestações transgressoras e o verbo proibir ter virado moda, esse foi o período em que, ironicamente, se multiplicaram os motéis, os pornoshops e os filmes pornô. Havia no ar uma hipocrisia difusa tão semelhante ao século XIX que mesmo buscando a abertura política (e porque não sexual) ainda se tratava com ironia e humor temas como homossexualidade e violência doméstica. Foi o caso de revistas como *Ele & Ela*, onde a receptividade aos ideais feministas se combinava com a acusação de que suas militantes não eram “mulheres de verdade”, mas criaturas mal-amadas e masculinizadas.

Ao mesmo tempo, no cinema nacional surgia a pornochanchada, gênero de narrativa grotesca, cuja comédia abordava temas da vida privada, histórias picantes e aventuras sexuais. Fomentando a alienação política e social, atuava como um aparelho ideológico estrelado por atores que em seguida se tornariam ícones da dramaturgia brasileira, como Lucélia Santos, Vera Fischer, Antonio Fagundes, Reginaldo Farias e Sonia Braga. Com o tempo perdeu o fôlego e deu lugar para os filmes de sexo explícito, passando a ser considerado um gênero de segunda categoria no inconsciente coletivo.

O aparecimento da pílula anticoncepcional também ocupava a cena e milhares de mulheres mudaram de hábito. Era o fim do medo do prazer sexual comprometido por

gestações indesejáveis e a morte no parto. Todavia, as mulheres mais pobres, e consequentemente menos informadas, duvidavam de sua eficiência e continuavam utilizando métodos caseiros. As mais ricas questionavam sua composição e exigiam satisfações sobre o nível de cortisona presente na fórmula. A Igreja Católica não recuava e recomendava aos fiéis à abstinência, pois o prazer ainda era perseguido e todo método contraceptivo ia de encontro ao princípio do “crescei e multiplicai-vos”. De fato, este período viu nascer a prática do planejamento familiar e um decréscimo significativo do número de filhos reduzia cada vez mais o tamanho da família.

A roupa acompanhava essa tendência e também diminuía. O surgimento do biquíni em substituição ao maiô era um sinal. As formas malhadas começavam a ser exibidas nas praias em compleições cada vez mais sensuais.

Tais mudanças viram surgir a escalada dos crimes passionais. Geralmente associados ao ciúme e a resistência do parceiro em conviver com as conquistas femininas estes assassinatos viraram manchetes nos jornais e eram justificados em nome da “legítima defesa da honra”. Ao longo da década de 1980, cresceram também os casos de pedofilia, de mudanças de sexo, de prostituição e de AIDS, todos alterando significativamente os destinos da cultura em geral.

Assistimos assim a uma torrente de transformações que não se encerram com a análise da autora, mas se experimentam cotidianamente. Com a baixa dos índices de fecundidade e natalidade, o aumento de casais homossexuais e de relacionamentos extraconjugais, a expansão do divórcio, chega-se a conclusão de que a individualização da família é nossa mais recente revolução. E, por meio dela, Mary del Priore nos permite testemunhar a passagem do coletivo ao individual, cuja emergência de uma nova ordem sentimental repousa em um condicionamento social erigido sob as fronteiras do tradicional e do moderno.